



A EXPERIÊNCIA DO LUGAR NA PERSPECTIVA PROUSTIANA: DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

*PLACE EXPERIENCE IN THE PROUSTIAN PERSPECTIVE: DIALOGUES BETWEEN
GEOGRAPHY AND LITERATURE*

Otávio José Lemos Costa

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

otavio.costa@uece.br

uma hora não é apenas uma hora, é um vaso repleto de perfumes, de sons, de projetos e de climas. O que chamamos realidade é uma determinada relação entre sensações e lembranças a nos envolverem simultaneamente - relação única que o escritor precisa encontrar a fim de unir para sempre em sua frase os dois termos diferentes (PROUST, Marcel)

Resumo: O presente texto tem como objetivo compreender o conceito de lugar ancorado à perspectiva da literatura. Em nossa abordagem apresentamos como foco principal a discussão sobre lugar. Tratando de uma discussão epistemológica da geografia na perspectiva humanista, procuramos atinar para a concepção de lugar na obra “Em busca do tempo perdido” de Marcel Proust, na qual o autor põe em foco o papel da memória com uma questão central no romance, buscando lugares e formas simbólicas que retratam suas particularidades e que são identificadas ao longo do tempo por sentimentos que envolvem sonoridades, cheiros, sensações tácteis pelos quais remetem às paisagens e aos lugares. Como aporte teórico-metodológico percorremos os caminhos da subjetividade enquanto elemento que nos auxilie na compreensão de uma geografia comportamental como forma de interpretar saberes e práticas espaciais. A perspectiva humanista deu esteio ao trabalho construindo a partir de um texto literário a ideia de uma representação cultural a partir do mundo vivido no qual se situam valores, imaginários e seus significados.

Palavras-chave: Lugar. Proust. Subjetividade.

Abstract: This text aims to understand the concept of place anchored to the perspective of literature. In our approach we present as the main focus the discussion about place. In an epistemological discussion of geography from a humanist perspective, we seek to focus on the conception of place in Marcel Proust's “In Search of Lost Time”, in which the author focuses on the role of memory as a central issue in the novel, seeking to places and symbolic forms that portray their particularities and which are identified over time by feelings that involve sounds, smells, tactile sensations through which they refer to landscapes and places. As a theoretical and methodological support we walk the paths of subjectivity as an element that helps us understand a behavioral geography as a way to interpret knowledge and spatial practices. The humanist perspective supported the work by building from a literary text the idea of a cultural representation from the lived world in which values, imaginary and their meanings are situated.

Key Words: Place. Proust. Subjectivity

INTRODUÇÃO

A estranheza de alguns estudiosos e até mesmo geógrafos em compreender e aceitar como determinadas temáticas possam ser tratadas pela geografia, ensejou uma refutação para alguns tópicos, fazendo fenecer em seu nascedouro face a assuntos sedimentados e já bastante conhecidos na seara da geografia. Tal fato concorreu para que houvesse uma negligência em abordar essas temáticas conduzindo, portanto, para o seu cadafalso.

Essa negligência reside na ausência de subjetividades nas quais deveriam motivar nossa compreensão de mundo. Nesta perspectiva de análise, Cosgrove (1998) já nos alertava para algumas suposições não explícitas nas quais os geógrafos britânicos tenderiam a retirar de cena a cultura e o símbolo de suas investigações. Pensando em colocar a subjetividade enquanto elemento que nos ajudasse a um melhor entendimento da dimensão espacial, Longhurst (2003, p.283) irá afirmar que “todo conhecimento geográfico, seja ele conhecimento espacial, geografia comportamental, geografia marxista, geografia feminista ou geografia cultural, pressupõe alguma teoria da subjetividade”. Torna-se, portanto, imperativo pensar a subjetividade em termos de espaço, uma vez que pensamos nós mesmos como tendo uma identidade com os lugares, as paisagens, os territórios. Essa íntima relação que temos com o espaço, nos permite entender a subjetividade como algo que é permeado por sentimentos, emoções e significados.

Tais posturas impediram por muito tempo, que os geógrafos atinassem para uma imaginação geográfica e colocassem em relevo proposições teóricas que almejassem uma interpretação frente aos fenômenos sócio-espaciais quer estejam associados a uma perspectiva da natureza, quer estejam associados às práticas simbólicas cujos elementos indicam proposições para a análise de um processo que envolve a produção de paisagens culturais, lugares ou territórios (COSTA, 2012).

Estabelecer uma discussão envolvendo temas marginais à geografia tornou-se, portanto, um desafio para aqueles geógrafos que enxergavam outras possibilidades. Diante do estabelecimento de um discurso relativista, as certezas e comodidades acadêmicas começavam a reagir perante a emergência de novas formas para a observação de algumas manifestações espaciais. Bem se compreende a afirmação de Sokal (2006, p. 61) que revela a perspectiva de um relativismo para designar qualquer filosofia que afirme a veracidade ou a

falsidade de uma asserção. Tal assertiva incita um longo debate, o que não pretendemos encetar no presente texto. Entretanto, gostaríamos de transpor a discussão para o âmbito da geografia brasileira, naquilo que concerne ao o desenvolvimento da geografia cultural no Brasil. Correa e Rosendahl (2012) ao fazerem uma análise da geografia cultural brasileira, destacam pontos importantes nos quais são justificadas posturas que conduzem novas abordagens para pensar o espaço. Entre essas justificativas, indicam os “significados” como palavra-chave da geografia cultural renovada como forma de compreensão da realidade social e também uma maneira de interpretar a espacialidade através dos sentidos.

Em um contexto de uma discussão epistemológica da geografia na perspectiva humanista, o presente texto busca atinar para a concepção de lugar na obra “Em busca do tempo perdido” de Marcel Proust, publicada em 1913, na qual o autor põe em foco o papel da memória com uma questão central no romance, buscando lugares e formas simbólicas que retratam suas particularidades e que são identificadas ao longo do tempo por sentimentos que envolvem sonoridades, cheiros, sensações tácteis os quais remetem às paisagens e lugares, onde podemos perceber uma narrativa que é construída através das recordações do autor, relembando não apenas meros detalhes, mas sensibilidades que faz voltar no tempo ao lembrar o tempo em que passava suas férias em sua pequena cidade fictícia chamada Combray, na verdade inspirada na cidade de Illieres, localizada no oeste da França. Aqui o lugar Combray será contextualizado nas memórias do autor em um processo de singularizações que ensejam fragmentos de um cotidiano em um espaço poético, onde a busca do tempo perdido será aquele que o autor evoca o lugar como uma busca de si mesmo.

DIÁLOGO ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

O entendimento que fazemos dos conceitos de paisagem e lugar na perspectiva humanista nos conduz a uma interpretação que está eivada de configurações simbólicas que nos leva para um olhar mais interpretativo que morfológico. Neste direcionamento, podemos entender o que Gomes (2013, p. 55) nos alerta para a dimensão do olhar afirmado que “ a visibilidade irá depender das leituras e do sentido que emergem da associação entre o lugar e o evento dentro de um contexto espacial no qual se inscreve o fenômeno”. Entre essas metodologias interpretativas encontramos esteio no texto literário com sustentáculos propiciados pela linguística e semiótica. Assim ao interpretar de forma dialógica o texto,

vamos encontrar a dimensão espacial que se objetiva em paisagens, lugares, territórios e regiões. Paisagens e lugares entendidos na esfera do texto podem ser considerados como representações do real e que podem ser expressos simbolicamente. Dessa forma, permite uma leitura historicamente possível e coerente do real, podendo ser capaz de construir uma realidade sócioespacial, portanto geográfica.

Essa linha interpretativa, dentro da geografia cultural, traz o texto literário para o um processo construtivo de metáforas ao retratar paisagens e lugares. A interpretação do texto literário introduz a ideia de um conjunto de símbolos que são passíveis de uma representação. Assim, quando lemos um texto literário e pretendemos dar uma interpretação geográfica, o que não interessa não é o gênero em si, mas a dimensão da espacialidade que o texto sugere. O enfoque geográfico inserido no texto vai além de situar lugares fictícios ou não bem como mencionar paisagens. Sua pretensão é permitir exegeses por parte do leitor-geógrafo para a compreensão de fatos que não esteja preso apenas a um processo meramente exclusivo do ato descritivo, mas algo que possibilite ao sujeito, uma contextualização marcada por subjetividades.

No processo de reconstrução da geografia cultural, a busca pela compreensão dos significados presentes em um contexto de espacialidade torna-se a tônica daqueles que irão perceber a existência de lugares e paisagens não apenas no contexto de uma racionalidade. Para Claval (2001, p. 55) “o romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos de seus personagens e através de suas emoções”. Essa subjetividade que marca o olhar do geógrafo nos conduz a compreender o sentido dos lugares nos debruçando sobre a literatura. Chama atenção Paul Claval sobre esta relação entre geografia e literatura ao atinar sobre o que Gustave Flaubert ou Guy de Maupassant tratariam sobre a região a partir das considerações de Armand Fremont no clássico intitulado “Região: espaço vivido”.

Salutar é acompanhar a discussão que Marandola Jr. (2010, p. 22) estabelece entre a geografia e literatura, ao nos mostrar que existe duas perspectivas distintas. Afirma este autor que “a geografia possibilitaria ver a arte, o documento como uma expressão material da cultura, da sociedade, do momento histórico e de um dado território enquanto que a literatura entende a manifestação artística como potência criadora de mundos”. Ressalta-se, portanto, a lógica de um humanismo que proporciona esteio à discussão entre geografia e literatura que exalta as experiências do sujeito e de coletividades em relação ao espaço, aqui objetivado nos

lugares, nas paisagens e nos territórios. A literatura será um campo fértil para os geógrafos humanistas para o entendimento de valores e comportamentos presentes nos romances, enfatizando que ao focar o comportamento do homem em uma obra literária haverá um desprendimento cujo objetivo seria pesquisar as particularidades delineadas nos fazeres do homem em relação ao espaço e ao meio ambiente, aqui concebidos por suas atitudes, valores, crenças e símbolos.

Analisar o romance em um contexto geográfico, conforme nos mostra Brousseau (2007, p. 19) em uma perspectiva da geografia humanista, busca colocar o sujeito como foco central de seus trabalhos “evoca de maneira direta ou indireta a fenomenologia” em uma de suas análises espaciais nas quais o esteio da literatura, procura falar das experiências que os autores de romances têm com os lugares, trazendo consigo o resultado das percepções no qual é possível evidenciar as inúmeras possibilidades que o romance pode estabelecer com a geografia.

Verifica-se ainda que o interesse geográfico pelo texto literário pode ser analisado remonta à tradição francesa sob a égide de uma geografia regional (VILANOVA NETA, 2004). Assim, as paisagens e os lugares tornam preferenciais como fontes de inspiração para a pesquisa geográfica cujo intuito é promover uma discussão que envolva elementos consonantes entre a geografia e a literatura. O texto literário aproxima-se da investigação geográfica em uma abordagem humanística e cultural, apreendendo valores subjetivos e que um processo dialógico possa entender as práticas e saberes espaciais em contextos de uma realidade material.

EM BUSCA DE LUGARES PERDIDOS: o conceito de lugar na perspectiva proustiana.

O livro “Em Busca do Tempo Perdido” de Marcel Proust nos permite entrar em uma estrutura narrativa, com uma alta carga descritiva. Essa descrição exacerbada com uma exatidão de detalhes nos dá possibilidades para entrar no íntimo dos personagens e lugares, quando Proust aborda temas ligados à memória da família, do amor e dos lugares que viveu. O livro está estruturado em três capítulos: Combray; Um amor de Swann e Nomes de terras: o nome. Apesar do autor considerar o livro como uma “forma do tempo”, um drama psicológico

que reúne tramas e costumes da aristocracia francesa do século XIX, podemos perceber que a dimensão espacial se associa ao tempo quando aquele se objetiva nas lembranças dos lugares.

No primeiro capítulo – Combray, a pequena cidade fictícia no interior da França onde passava suas férias - é possível entender a relação memória – lugar, aqui entendido não como o tempo da memória voluntária, mas a memória do narrador que evoca os lugares de sua infância, ressuscitando as sensações que individualizam uma experiência, tal qual podemos perceber quando ele se reporta ao quarto.

“sem dúvida que eu estava agora bem desperto, meu corpo dera uma última volta e o bom anjo da certeza imobilizara tudo em redor de mim, deitar-me sob minhas cobertas, em meu quarto, e pusera aproximadamente em um lugar no escuro, minha cômoda, minha mesa de trabalho, minha lareira, a janela da rua e as duas portas” (PROUST, p. 27)

Esse acontecer simbólico desperta as ressonâncias em diferentes planos da vida. Os lugares da memória não são aqueles que pontuam o frio conceito de lugar pensado em outros momentos, apenas para demarcar um fato geográfico. Aqui, o lugar aqui assume uma postura dentro da dimensão fenomenológica e que consoante ao pensamento de Bachelard (1993, p. 29) ao afirmar que “é pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências”. Assim, o ambiente do quarto retratado por Proust em suas memórias é pausa. Se dilui nas lembranças vividas. O cheiro, o silêncio do quarto, o mobiliário, podem ser vistos enquanto lugar e no dizer de Tuan (1979) são pequenos mundos que adquirem um sentido e que vibram no contexto das relações humanas enquanto campo de preocupações.

O lugar enquanto experiência vivida em sua Combray, configura-se como liminaridade, envolto em uma trama que envolve identidade e memória, transformando em um processo de interação simbólica, que delinea práticas materiais e imateriais em um movimento temporal e espacial. Os registros da memória tornam explícitas as manifestações mais recônditas que podem ser reveladas por discontinuidades, porém, estabelecendo conexões que recuperam um passado distante. A célebre passagem do livro, onde o autor volta a viver em sua pequena Combray, ao provar um bolo chamado *Madalena*, o leva a experiências de um mundo vivido

E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de Madalena que nos domingos de manhã em Combray, minha tia Leonie oferecia (...) sua imagem deixara aqueles dias de Combray para se ligar a outros mais recentes; talvez porque, daquelas lembranças abandonadas

por tanto tempo fora da memória, nada sobrevivia, tudo se desagregara; as formas – e também a daquela conchinha de pastelaria. (PROUST, p. 73)

O lugar aqui é apreendido pelo mundo dos sentidos. São as sensações que denotam a experiência que o autor tem de seu mundo, de um pretérito cotidiano. O saborear aquele pedaço de bolo o conduz aos lugares da memória, permitindo transformar uma distância métrica em uma distância afetiva. O lugar aqui é dimensionado pelo paladar e que no dizer de Claval (1997, p 100) “ os sabores e os odores dos alimentos consumidos durante a infância estão associados à imagem do país natal, da família e das tradições que representa”. Nesse posicionamento, vamos perceber que o lugar no romance proustiano é consoante ao conceito de lugar na perspectiva humanista e cultural, não é um estágio vazio no qual eventos e atividades o tornam conhecido, mas em vez disso, são repletos de significados. Esses significados estes que os indivíduos atribuem ao lugar estão associados ao cotidiano, movimentos e atividades por eles realizadas.

Observamos o ato de perceber as coisas, quando Proust nos fala das coisas do lugar, sua percepção é imanente e nos permite recorrer a um espaço vivido. Podemos observar na passagem quando o autor menciona aspectos singulares de sua Combray:

A igreja! Familiar, parede meia, na rua de Santo Hilário, para onde dava sua porta setentrional, com suas duas vizinhas, a farmácia do Sr. Rapin e a casa da Sra. Louiseau, nas quais tocava sem nenhuma separação: simples cidadã de Combray, que poderia ter seu número na rua, se as ruas de Combray tivessem números, e onde, parece, o carteiro, deveria parar de manhã, ao fazer a distribuição, antes de entrar na casa de sr. Loiseau e depois de sair da farmácia do sr. Rapin; havia no entanto entre ela e tudo que não fosse ela, uma demarcação que meu espírito, jamais conseguiu franquear. Sra. Louiseau cultivava na janela umas fúcias que tinham o mau costume de deixar seus ramos correrem às cegas por toda a parte, e cujas folhas não tinham nada mais urgente que fazer quando já crescidas, do que refrescar as faces roxas e congestionadas contra a sombria fachada da igreja” (PROUST, p. 92)

O trecho citado acima aborda a relação sujeito-lugar, indicando que vai além da análise objetiva, focalizando a experiência vivida, descrevendo componentes essenciais do lugar. Relph (1976), sugere que numa perspectiva fenomenológica, que essa relação possibilita uma lugaridade, ou seja, determinados lugares são mais autênticos que outros, pois aí emergem o sentimento de pertencimento, um forte laço entre o sujeito as coisas que permeiam este lugar. Nesta perspectiva, quando Proust descreve o cotidiano de Combray, revelando detalhes singulares entendemos que há um registro imagético e que na concepção

de Gomes (2017, p. 133) tal registro pode ser considerado como “uma condição de distanciamento que nos permite ver aquilo que nos passaria despercebido pela condição de imersão que estamos situados na relação com aquele fenômeno”. O olhar descritivo de Proust pode ser considerado o olhar geográfico sobre o lugar, sobre a paisagem. O cotidiano aqui revelado através de imagens podem ser entendidas como representações pelas quais os indivíduos e grupos definem seus espaços vividos.

Ao resgatar a memória por meio de uma narrativa imaginária e que envolve a dimensão espaço-tempo, percorremos na leitura de “Em busca do tempo perdido”, as tramas que evocam polivocalidades aqui registradas em permanências e não permanências que remetem à memória do lugar. Ao falar das ruas, do quarto, das relações familiares, entre outros temas, Proust enaltece os significados que as pessoas empregam em suas vidas cotidianas. A imagem dos ambientes gravadas na memória demonstra que o sujeito reverbera no cotidiano as representações pelas quais vão definindo seus espaços vividos, como podemos observar no trecho a seguir

“Aquele umbroso frescor do meu quarto estava para a luz plena da rua como a sombra está para o raio de sol, quer dizer, tão luminoso como ele, e oferecia a minha imaginação o espetáculo total do estio, que meus sentidos, se eu estivesse em passeio, só poderiam gozar fragmentariamente; e assim se adaptava bem ao meu repouso de uma mão imóvel no meio de uma correnteza, o choque a animação de uma torrente de atividade” (PROUST, p. 116)

Essas imagens ou representações configuram, portanto, circunstâncias particulares em que o lugar indica também a maneira de ver e compreender um microcosmo. Aqui observamos uma conexão de atividades entre o sujeito e o lugar em um mundo de significados e experiências. As manifestações que revelam experiências vividas pelo autor, em suas particularidades seja do quarto de dormir ou através das sensações olfativas e gustativas que ele recupera, são expressas naquilo que Tuan (1983, p. 151) menciona sobre as experiências íntimas do lugar. Para este autor “as experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo de nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhe formas, mas frequentemente não estamos sequer conscientes delas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões feitas neste trabalho, tem esteio no âmbito da geografia humanista. Apresentamos o conceito de lugar permeando a dimensão da subjetividade, pois trilhar pelos caminhos da objetividade estaríamos considerando este conceito na seara do significado locacional. Dessa forma, ao debruçarmos sobre a obra de Marcel Proust podemos, portanto, desvincular o lugar desse sentido estritamente locacional e incorporar os elementos subjetivos apresentados no texto. Falar de literatura e geografia, prazerosamente nos levou a pensar também na perspectiva fenomenológica. Neste sentido, Dardel (1990) ao propor um estudo fenomenológico da geografia, contribuiu para o conceito humanista de lugar, conceito este já destituído de seus aspectos exclusivamente locais e que dava relevo à experiência das pessoas e o significado dos lugares. Trabalhando o entrelace entre a geografia e a literatura nos possibilitou olhar para o texto literário tendo como ensejo a obra de Foucault “Em Busca do Tempo Perdido”, decodificando imaginários ou outras geografias nas quais nos posicionamos a pensar heterotopias que nos permitem a pensar materialidades e imaterialidades que aproximam mutuamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo; Martins Fontes, 1993
- BROSSEAU, M. Geografia e Literatura. CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001
- CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. C. e CORREA, R. L. (Org.) **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 89-117
- CORREA, R. e ROSENDAHL, Z. A Geografia Cultural Brasileira: uma avaliação preliminar. In: CORREA, R.L. e ROSENDAHL, Z.(Org.) **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 87-103
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Z. e CORREA, R.L. (orgs.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92-123
- COSTA, O. J. L. **A Imaginação Geográfica e a Representação dos Lugares Sagrados**: Revista Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N. 32, pg. 48-60, Jul-Dez, 2012

- DARDEL, E. **L’homme e la terre. Nature de la réalité géographique.** Paris: Edition du CTHS, 1990
- GOMES, P.C.C. **O lugar do olhar. Elementos para uma geografia da visibilidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013
- GOMES, P. C. C. **Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017
- LONGHURST, R. Introduction: Subjectivities, Spaces and Places. In: ANDERSON, K. DOMOSH, M. PILE, S. e THRIFT, N. (Org.) **Handbook of Cultural Geography.** London, Sage Publications, 2003, p. 283-289
- MARANDOLA JR. E. Geograficidades vigentes pela literatura. In: SILVA, M.A. da e SILVA, H. R. F. da (Org.) **Geografia, literatura e arte:** Salvador: EdUFBA, 2010, p. 21-32
- PROUST, M. **Em busca do tempo perdido. No caminho de Swann.** (vol. 1) Trad. Mario Quintana. São Paulo: Globo, 2006
- RELPH, E. **Place and Placelessness.** London: Pion, 1976
- SOKAL, A. **Imposturas Intelectuais.** Rio de Janeiro: Record, 2006
- TUAN, Y-Fu. *Space and Place: humanistic perspective.* In GALE, S. OLSON, G. (orgs.) *Philosophy in geography.* Dordrecht: Reidel, 1979, p. 387-427
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectivada experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983
- VILANOVA NETA, Amélia. Decifrando o espaço a partir da literatura: Revista Espaço e Cultura. n.3 (dez, 1996) – Rio de Janeiro: UERJ: NEPEC, dez 1996, p.107-118

SOBRE O AUTOR

Otávio José Lemos Costa

Pós-Doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará, lecionando no curso de graduação e no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE. Coordenador do Laboratório de Estudos em Geografia Cultural - LEGEC. Desenvolve pesquisas na área de Geografia Cultural, especificamente voltado para as temáticas: Espaço, cultura e patrimônio, paisagem vernacular, Geografia e Cinema.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/8316381118941817>

Recebido em outubro de 2019.

Aceito para publicação em dezembro de 2019.

Publicado em março de 2020.